Sheila M. L.COSTA
Universidade Cruzeiro do Sul
Sheila_luiza@hotmail.com

ENUNCIAÇÃO E LEITURA: UMA CRÔNICA DE ARNALDO JABOR

RESUMO

Este estudo faz parte de uma pesquisa para a dissertação de Mestrado e tem como objetivo realizar a leitura de uma crônica de Arnaldo Jabor pela perspectiva da enunciação. A crônica a ser focalizada é: "Nossos dias melhores nunca virão?", que apresenta um relato inquieto do autor sobre o Tempo. Essa crônica aponta os anseios humanos na busca pela qualidade de vida, viajando dentro do presente e passado, em busca de um futuro promissor que nunca chega, mostra que a tecnologia só fez com que homem moderno, ao invés de descansar, sobreviva como um escravo da máquina. Sempre com uma intenção discursiva de valor expressivo na construção da enunciação, o enunciador -locutor empírico- marca seu enunciado com a utilização de recursos como a pontuação e os sinais diacríticos que formam a modalização autonímica e também por meio de frases caóticas que são apresentadas na forma de depoimento de divã. Com expressão livre e desenfreada de pensamento e emoções, a enunciação construída vagueia pelos caminhos dos sentidos. Maingueneau (2002, p.20) afirma que "todo ato de enunciação é fundamentalmente assimétrico: a pessoa que interpreta o enunciado reconstrói seu sentido a partir de indicações presentes no enunciado produzido, mas nada garante que o que ela reconstrói coincida com as representações do enunciador…", essa observação nos mostra uma certa liberdade do enunciatário-leitor que pode perceber ou não tais marcas linguísticas e sendo assim assimilar a intenção do enunciador ou mesmo modificar o entendimento do enunciado. A enunciação - ato produtor do enunciado, evento único e jamais repetido - é constituída por meio de diversas marcas no discurso, tais como as condições de produção (tempo, lugar, relações sociais, as intenções, os sujeitos), marcas que apontam uma interação dinâmica. Como fundamentação teórica foi utilizado o conceito relativo à enuncia-

ção extraído dos textos de Benveniste, Maingueneau e Fiorin.

Palavras-chave: Enunciação, Leitura, Crônica, Linguística.

INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva abordar teorias que envolvem a leitura e a enunciação em um processo linguístico que possa auxiliar a análise e o entendimento dos textos, especificamente faremos uma análise enunciativa da crônica "Nossos dias melhores nunca virão?", de Arnaldo Jabor. Em função dos nossos objetivos apontaremos a enunciação e a leitura como peças essenciais no momento da interpretação e compreensão do texto.

Nos dias atuais, os estudos linguísticos voltados à enunciação estão despertando um interesse muito grande em todos que trabalham com a leitura e produção de textos, particularmente dos professores que são os responsáveis pela divulgação e mediação do conhecimento.

A Enunciação - ato produtor do enunciado, evento único e jamais repetido - é constituída por meio de diversas formações discursivas e ideológicas no discurso, tais como as condições de produção (tempo, lugar, relações sociais, as intenções, os sujeitos), essas formações revelam a enunciação como uma interação dinâmica.

A linguística da enunciação fortalece os vínculos dessa interação entre locutor- enunciado-interlocutor, de acordo com Amossy (2005, p.11) "o ato de produzir um enunciado remete necessariamente ao locutor que mobiliza a língua, que a faz funcionar ao utilizá-la.", essa atitude responsiva do locutor sempre deve ser observada com cautela, pois a subjetividade que possivelmente é apresentada nos textos pode revelar implícitos importantes para o leitor.

Em uma sociedade dinâmica, que busca otimizar o tempo e também desenvolver habilidades que possam auxiliar na comunicação diária, realizar uma leitura eficiente é uma tarefa importante, assim como usufruir dos recursos que ela pode nos proporcionar.

Essa questão polêmica, de apreender a informação por meio da leitura ou não, surge nos bancos escolares e acompanha as pessoas pela vida toda. Afinal, ser hoje um leitor competente de um determinado texto, garantirá a mesma competência em organizações textuais futuras?

Hoje em dia, possuir a condição de cidadão leitor é algo que, por vezes, questiona-se. leitor de quê? Quais organizações textuais esse cidadão leitor é capaz de decifrar, compreender e interagir? Quais sentidos construídos pelas formações discursivas e ideológicas esse sujeito leitor é capaz de empregar ao texto?

Sabemos que tal competência leitora e discursiva só será possível por meio de uma prática constante de leitura e produção, aliadas ao conhecimento linguístico enunciativo apresentado pelos textos. Uma vez que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas.

E assim, buscando a construção do conhecimento entendemos a crônica como um dos gêneros secundários essenciais à prática de leitura, com seu poder de abstração e subjetividade ela é capaz de ampliar, consideravelmente, o conhecimento de mundo do leitor.

Portanto, nosso estudo caminha pelo universo da leitura e pela busca em compreender o texto por meio das relações que acontecem entre o locutor empírico, a subjetividade nas diferentes práticas discursivas, centra-se no gênero crônica e finaliza-se com uma análise enunciativa sutil da crônica "Nossos dias melhores nunca virão?".

A LEITURA NO PROCESSO ENUNCIATIVO

Estudos relacionados à enunciação podem proporcionar uma comunicação mais eficiente quando partem de uma leitura atenta e analítica dos enunciados. Temos como leitura analítica aquela que é crítica e reflexiva, observando-se o contexto e co-texto de produção em um exercício constante que constrói saberes.

Ler é ir além do que está escrito, é mais do que decodificar os signos, a leitura deve ser vista como uma prática dinâmica. Mas, desde o início foi exposto um problema de relações entre a leitura e a escrita com o poder. Esse conflito foi capaz de separar da sociedade entre os que sabiam ler, teoricamente os mais poderosos, e os que não sabiam ler, maior parcela da população humilde.

A leitura foi então um divisor de forças e ,até hoje, infelizmente, temos um alto índice de analfabetos e iletrados em nosso país, de acordo com Soares (2006, p. 30-32) esses sujeitos são definidos da seguinte forma: " ANALFABETO: que não conhece o alfabeto, que não sabe ler e escrever" e " ILETRADO: que não tem conhecimentos literários".

Contudo, muitos são os brasileiros considerados alfabetizados, mas sequer decodificam o texto. Essa decodificação do texto - estágio inicial e necessário para a leitura da palavra escrita – é primeiro passo para aquisição de uma liberdade que alimenta o conhecimento humano.

Essa liberdade que podemos chamar de leitora é capaz de aumentar a auto-estima do sujeito leitor e fazer com que ele perceba a importância da leitura para vida, não somente para que ele atue como um cidadão leitor, mas que seja capaz de perceber o que acontece ao seu redor e então reflita e possa agir em busca de uma realidade melhor. Sabemos que possuidor dessa habilidade, o leitor possa estar preparado para compreender o texto em sua completude. Esse preparo vem com a prática leitora de diversos gêneros, particularmente dos gêneros considerados críticos como a crônica.

A verdadeira leitura está em associar e construir sentidos, interagindo com o contexto histórico, social, observando as intenções, opiniões e ideias dos autores. A escolha ou percepção do gênero discursivo, dos procedimentos de estruturação, das marcas linguísticas oferecidas pelo texto e dos recursos de criação, apontarão para uma leitura verdadeira é só então poderemos entrar no universo da representatividade e da subjetividade tão presentes em todos os textos.

Todo enunciado representa uma determinada necessidade de comunicação relacionada à função social que o texto pode conter, a todo tempo estamos nos comunicando de alguma forma, lemos e somos lidos a todo instante, portanto os enunciados e a leitura são parceiros diante da comunicação.

De acordo com os estudos de Benveniste e Jackobson, percebemos a enunciação como uma questão central na construção do texto, "a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização" (BENVENISTE, 1989, p. 82).

Esse uso individual da língua por meio da fala ou da leitura são bens que pertencem aos indivíduos e que, portanto, podem criar e multiplicar suas leituras, construindo assim uma rede do conhecimento. Pensar a leitura como uma rede que acolhe e se espalha é fator essencial na disseminação da leitura como um processo vivo e cultural que influi na formação das identidades e que dicotomicamente é construído pela individualidade do leitor e pela subjetividade do locutor.

Sabemos que a partir do momento em que o indivíduo se percebe leitor, um universo de textos distintos lhe são apresentados por meio dos gêneros - que são formações discursivas orais ou escritas, que possuem uma intenção de comunicação e que se apresentam em diversos formatos estruturais, de acordo com o objetivo dinâmico dessa comunicação - ao selecionar um texto para leitura o leitor deve então conhecer o gênero para melhor compreender seu sentido, que não e único, mas que sempre é direcionado.

> Maingueneau (2002, p.20) diz que "todo ato de enunciação é fundamentalmente assimétrico: a pessoa que interpreta o enunciado reconstrói seu sentido a partir de indicações presentes no enunciado produzido, mas nada garante que o que ela reconstrói coincida com as representações do enunciador." MAINGUENEAU(2002, p. 20).

Muitos elementos direcionam uma leitura, primeiro que os leitores possuem uma história de vida diferente um do outro, e que essa memória discursiva intervêm em sua leitura, mas de uma forma positiva, afinal constroem-se sentidos que são

possíveis de acordo com o que o enunciado pode apresentar em sua materialidade dentro do gênero.

Um gênero que oferece uma total liberdade de produção e leitura é a crônica, apresentada como um gênero contemporâneo, que surgiu no século XIX com o desenvolvimento da imprensa, ela passou a fazer parte dos jornais e apareceu pela primeira vez em 1799, no *Journal de Débats*, publicado em Paris. Esses textos comentavam, de forma crítica, acontecimentos que haviam ocorrido durante a semana.

Por ser um texto escrito a princípio para ser publicado no jornal, ela possui uma característica de informações diárias. No entanto, bem diferente da notícia que, por ser totalmente informativa, não pode ser apresentada com atraso e muito menos fixar-se na ficção; já a crônica pode e é lida em diversos tempos: a crônica de ontem pode ser lida hoje ou amanhã, seu conteúdo parece estar sempre no presente.

A crônica não apresenta um núcleo, um enredo, mas sim fatos contemporâneos. É isso que a difere dos contos ou de outros gêneros, sua brevidade também é uma característica constante.

Com um sentido histórico e servindo assim, como outros textos do jornal, para informar o leitor, a crônica brasileira, foi com o passar do tempo, gradualmente, distanciando-se daquela crônica com sentido de documentário originada na França. Ela passou a ter um caráter mais literário, fazendo uso de linguagem mais leve e envolvendo poesia, lirismo e fantasia, com muitos a confundem com o conto, este já bem estruturado por meio dos núcleos narrativos presentes, além de todos os outros recursos que são apresentados também na crônica.

A crônica como gênero jornalístico possui características que atraem o leitor moderno, sua breve extensão e seu foco em assuntos do cotidiano, aproximam o leitor de um enunciado que pode paradoxalmente irritar, alertar ou divertir, isso porque seus conteúdos são apresentados de forma crítica, racional, com humor ou ironia em uma liberdade de produção.

Hoje, seu veículo ou suporte principal continua sendo o jornal, porém não está restrita a esse suporte. Encontramos crônicas em revistas, livros, e-mails, sites, entre outros suportes, que podem dentro do contexto apoiar uma crônica. A escolha do gênero é considerada um elemento muito importante na obtenção ou compreensão responsiva do enunciado. Essa compreensão está diretamente envolvida à capacidade lei-

tora, que por sua vez encontra-se composta pelo conhecimento de mundo adquirido pelo leitor.

Segundo Bakhtin, (2006, p.282)

> "A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo *na escolha de um certo gênero de discurso*. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes etc. A intenção discursiva do falante, com toda sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero. Tais gêneros existem antes de tudo em todos os gêneros mais multiformes da comunicação oral cotidiana, inclusive do gênero mais familiar e do mais intimo." (BAKHTIN, 2006, p.282)

Fica claro então que a escolha do gênero pelo locutor empírico e sua observação pelo leitor é uma ação que envolve uma atitude responsiva, a compreensão se dará com base na capacidade leitora, memória discursiva, percepção do tema, capacidade de abstração e sentir a subjetividade, entre outros elementos importantes.

Concluímos que uma leitura eficiente é aquela em que o contexto de produção e os sujeitos são levados em consideração, juntamente com as questões históricas e culturais. Sendo assim a leitura é conjunto entre leitor e produtor esses dois elementos são indissociáveis e que podem revelar sentidos que não únicos.

A leitura exerce no ser humano um efeito que chamaremos de "borboleta". Comparamos uma pessoa que não lê a uma larva presa em um casulo. Já uma outra que teve a oportunidade de apreender a ler se transformou e tal metamorfose a levou para a liberdade com exuberância e perfeição. Temos a leitura como o milagre da transformação.

ANÁLISE DA CRÔNICA: NOSSOS DIAS MELHORES NUNCA VIRÃO?

Os textos produzidos por Arnaldo Jabor apresentam, em sua maioria, um discurso livre e irônico, suas crônicas exercem uma função crítica muito perceptível e, comunicativamente, podemos dizer que o enunciador, muito revela desse locutor empírico que busca estabelecer uma interação na interlocução, ou seja, é comum perceber marcas desse autor em seus textos.

Em nosso texto de análise, logo no primeiro período, percebe-se um enunciador informal, camarada, que deseja uma aproximação e aceitação do seu discurso. Vejamos:

ANDO EM CRISE, *NUMA BOA*, NADA GRAVE.

O uso da linguagem popular *NUMA BOA* envolve o enunciatário em um tom de conversa espontânea. No entanto, a formação discursiva revela que *ando em crise* não combina com *numa boa* esses termos são ideias contrárias – antíteses-, geram opinião paradoxa - contrária ao senso comum - e irônica quando querem dizer propositalmente o contrário.

Essas marcas enunciativas estão materializadas no texto e constroem esse enunciador em crise, mas que busca "amenizar" seu problema acrescentando que não é nada grave. Porém, o efeito de sentido esperado por ele é realmente o de chamar a atenção do leitor para o seu grave problema.

A afirmativa é angustiante porque gera no enunciatário uma curiosidade do porquê da crise. Logo após uma tentativa de *tranquilizar* o enunciatário dizendo que não é nada grave, o enunciador apresenta o MAS (como operador argumentativo) que vai revelar no segundo período, mais questões angustiantes, agora relacionadas à questão do *tempo* em sua completude.

É no terceiro período que é apresentado esse *tempo* e a *pressa* como causadores da crise do enunciatário. No segundo parágrafo, ele relembra teorias do passado que afirmavam que o homem no futuro viveria repleto de paz com a tecnologia, e com mais ócio (qualidade de vida, descanso e lazer), sua inquietude é evidenciada quando ele faz uso do "ACONTECE QUE a tecnologia não está aí para distribuir sossego".

O uso do *Acontece que* – expressão comumente utilizada para introduzir uma explicação – demonstra para o enunciatário que fomos enganados pela tecnologia, mostra que a tecnologia trouxe na verdade competição e produtividade.

No terceiro parágrafo o enunciador envolve a questão da *pressa* "tudo sugere *velocidade, urgência...*" parece que já nascemos com muitas tarefas atrasadas e que jamais daremos conta de tudo, a seleção lexical reforça a idéia da *pressa.*

A tecnologia nos enfiou... esse trecho culpabiliza a tecnologia, a escolha do verbo enfiar (meter) sugere a sensação de que foi algo realizado à força, sem o desejo de introduzir.

Na sequência do período temos "uma lógica produtiva de fábricas, fábricas vivas, chips, pílulas para tudo" a escolha lexical, novamente produz seus efeitos, essa sequência linguística remete a mecanização humana.

No quarto parágrafo questionamentos são apresentados a partir as conclusão: Temos que funcionar, não de viver, as perguntas apontadas solicitam uma reflexão do leitor, mas logo são respondidas pelo próprio enunciatário ansioso, essa estrutura com sequências interrogativas seguidas de respostas, manifestam uma euforia por construir o caminho lógico das possíveis respostas.

Por que tudo tão rápido?

Para chegar aonde?

Ao longo da crônica algumas respostas são dadas, como:

NADA. NUNCA ESTAREMOS NO FUTURO.

A este *mundo ridículo*... Para gozar sem parar?

Mas gozar como?

Nossa vida é uma ejaculação precoce.

Com o uso da adjetivação "mundo ridículo", percebemos a indignação do enunciador com relação à rapidez com que se vive, não se curte a vida, ao associar o prazer em viver com a pressa com que vivemos, sua relação imediata foi com uma ejaculação precoce, que como se sabe gera toda uma frustração por ter deixado escapar o prazer do momento, não ter curtido e vivido intensamente a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos neste trabalho apontar algumas questões que envolvem a enunciação e leitura em textos do cotidiano, como por exemplo, crônicas.

Em nossa análise parcial, percebemos que o texto oferece uma materialidade muito rica e que, portanto, esse estudo não se esgota por aqui. Análises que seguem a Linguística Textual, Análise do Discurso, Análises Literárias, entre outras teorias são bem vindas para completar essa tarefa.

A desconstrução textual em busca de sentidos, leituras eficientes e criações interpretativas abundantes colaboram nas análises, mas a proposta para esse trabalho partiu de uma análise sutil, portanto em uma próxima análise complementar poderemos enriquecer nosso trabalho.

Acrescentamos que os possíveis sentidos em geral dependem do conhecimento e mundo dos interlocutores, e por isso a interação e mediação são importantes, no processo de leitura e análise.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. (Org.). Imagens de si no discurso. A construção do ethos. Trad. Dilson F. da Cruz et al. São Paulo: Contexto, 2005.

ENVENISTE, Émile. Problemas de Linguística Geral I. 4ed. Campinas: Pontes, 1995.

BENVENISTE, Émile. Problemas de Linguística Geral II. Campinas: Pontes, 1989.

FIORIN, José Luiz. As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Editora Ática, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise de textos de comunicação. 2ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: _____. A importância do ato de ler: em três textos que se completam. 3. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1983. (Coleção Polêmicas do nosso tempo.) p.11-24.

JABOR, Arnaldo. Amor é prosa, sexo é poesia. São Paulo: Objetiva, 2004.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura em Curso- trilogia pedagógica. 3. ed. Campinas, SP:Autores associados, 2006.

SOARES, Magda. Letramento um tema em três gêneros. 2ed, Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ANEXO

Nossos dias melhores nunca virão? (Arnaldo Jabor - Amor é prosa, sexo é poesia

Crônicas afetivas)

ANDO EM CRISE, numa boa, nada de grave. Mas, ando em crise com o tempo. Que estranho "presente" é este que vivemos hoje, correndo sempre por nada, como

se o tempo tivesse ficado mais rápido do que a vida, como se nossos músculos, ossos e sangue estivessem correndo atrás de um tempo mais rápido.

As utopias liberais do século XX diziam que teríamos mais ócio, mais paz com a tecnologia. Acontece que a tecnologia não está aí para distribuir sossego, mas para incrementar competição e produtividade, não só das empresas, mas a produtividade dos humanos, dos corpos. Tudo sugere velocidade, urgência, nossa vida está sempre aquém de alguma tarefa. A tecnologia nos enfiou uma lógica produtiva de fábricas, fábricas vivas, chips, pílulas para tudo.

Funcionar é preciso; viver não é preciso. Por que tudo tão rápido? Para chegar

aonde, para gozar sem parar? Mas gozar como? Nossa vida é uma ejaculação precoce. Estamos todos gozando sem fruição, um gozo sem prazer, quantitativo. Antes, tínhamos passado e futuro; agora tudo é um "enorme presente", na expressão de Norman Mailer. E esse "enorme presente" nos faz boiar num tempo parado, mas incessante, num futuro que I/não pára de não chegar". Antes, tínhamos os velhos filmes em preto-e-branco, fora de foco, as fotos amareladas, que nos davam a sensação de que o passado era precário e o futuro seria luminoso. Nada. Nunca estaremos no futuro. E, sem o sentido da passagem dos dias, de começo e fim, ficamos também sem presente. Estamos cada vez mais em trânsito, como carros, somos celulares, somos circuitos sem pausa, e cada vez mais nossa identidade vai sendo programada. O tempo é uma invenção da produção.

Não há tempo para os bichos. Se quisermos manhã, dia e noite, temos de ir morar no mato.

Há alguns anos, eu vi um documentário chamado Tigrero, do cineasta finlandês Mika Kaurismaki e do Jim Jarmusch, sobre um filme que o Samuel Fuller ia fazer no Brasil, em 1951. Ele veio, na época, e filmou uma aldeia de índios no interior do Mato Grosso. A produção não rolou e, em 92, Samuel Fuller, já com 83 anos, voltou à aldeia e exibiu para os índios o material colorido de 50 anos atrás. E também registrou, hoje, os índios vendo seu passado na tela. Eles nunca tinham visto um filme e o resultado é das coisas mais lindas e assustadoras que já vi.

Eu vi os índios descobrindo o tempo. Eles se viam crianças, viam seus mortos, ainda vivos e dançando. Seus rostos viam um milagre. A partir desse momento, eles passaram a ter passado e futuro. Foram incluídos num decorrer, num " devir" que não havia. Hoje, esses índios estão em trânsito entre algo que foram e algo que nunca serão.

O tempo foi uma doença que passamos para eles, como a gripe. E pior: as imagens de 50 anos é que pareciam mostrar o "presente" verdadeiro deles. Eram mais naturais, mais selvagens, mais puros naquela época. Agora, de calção e sandália, pareciam estar numa espécie de "passado" daquele presente. Algo decaiu, piorou, algo involuiu neles.

Lembrando disso, outro dia, fui atrás de velhos filmes de 8mm que meu pai rodou há 50 anos também. Queria ver o meu passado, ver se havia ali alguma chave que explicasse meu presente hoje, que denunciasse algo que perdi, ou que o Brasil perdeu... Em meio às imagens trêmulas, riscadas, fora de foco, vi a precariedade de minha pobre família de classe média, tentando exibir uma felicidade familiar que até existia, mas precária, constrangida; e eu ali, menino comprido feito um bambu no vento, já denotando a insegurança que até hoje me alarma. Minha crise de identidade já estava traçada. E não eram imagens de um passado bom que decaiu, como entre os índios. Era um presente atrasado, aquém de si mesmo. A mesma impressão tive ao ver o filme famoso de Orson Welles It's AlI True, onde ele mostra o carnaval carioca de 1942 — únicas imagens em cores do país nessa década. Pois bem, dava para ver nos corpinhos dançantes do carnaval sem som, uma medíocre animação carioca, com pobres baianinhas em tímidos meneios, galãs fraquinhos imitando Clark Gable, uma falta de saúde no ar, uma fragilidade indefesa e ignorante daquele povinho iludido pelos burocratas da capital. Dava para ver ali que, como no filme de minha família, estavam aquém do presente deles, que já faltava muito naquele passado.

Vendo filmes americanos dos anos 40, não sentimos falta de nada. Com suas

geladeiras brancas e telefones pretos, tudo já funcionava como hoje. O "hoje" deles é apenas uma decorrência contínua daqueles anos. Mudaram as formas, o corte das roupas, mas eles, no passado, estavam à altura de sua época. A Depressão econômica tinha passado, como um grande trauma, e não aparecia como o nosso subdesenvolvimento endêmico. Para os americanos, o passado estava de acordo com sua época. Em 42, éramos carentes de alguma coisa que não percebíamos. Olhando nosso passado é que vemos como somos atrasados no presente. Nos filmes brasileiros antigos, parece que todos morreram sem conhecer seus melhores dias.

E nós, hoje, nesta infernal transição entre o atraso e uma modernização que não chega nunca? Quando o Brasil vai crescer e chegar a seu "presente"? Chego a ter inveja das multidões pobres do Islã: aboliram o tempo e vivem na eternidade de seu atraso. Temos a utopia de que, um dia, chegaremos a algo definitivo. Mas ser subdesenvolvido não é "não ter futuro"; é nunca estar no presente.